

7.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2006.
- ALLEN, Graham. **Intertextuality**. New York: Routledge, 2000.
- ANTELO, Raúl. João do Rio – Salomé. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. Introdução. In: RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- AUMONT, Jacques. O ponto de vista. In: Eduardo Geada (org.). **Estéticas do cinema**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**. Vol. 1, n. 10. mai/ago 2003. Ed. UERJ/LPP.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BASTOS, Gláucia Soares. Pall-Mall Rio. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 225-233.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor e a vida moderna. In.: **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: **Magia, arte e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskoi. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. O flâneur. In.: **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo – Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. Vol. 2. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- BROWNE, Nick. O plano-ponto-de-vista. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. Vol. 2. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica** – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Radicais de ocasião. In: **Teresina etc.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 83-94.
- _____. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 9 edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. Volume 1.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Mercado editorial e cinema: a literatura nos bastidores. **Revista Semear** (Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses), nº 09. Rio de Janeiro: Editora PUC.

- _____. Roteiro, literatura e mercado editorial: o escritor multimídia. **Revista Cibercultura**. Endereço eletrônico: <www.uff.br/cibercultura>. Acesso em 15 jun. 2008.
- FREITAS, Ricardo F. Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol 4, nº10, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Le printemps adorable a perdu son odeur. **ALEA: Estudos Neolatinos**. V.9, n.1, jan-jun. 2007. Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras, UFRJ.
- GOMES, Mayra R. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Harcker/Edusp, 2000.
- _____. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Harcker/Edusp, 2003.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **João do Rio: vielas do vício, ruas da graça**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- _____. De superfícies e montagens: um caso entre o cinema e a literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.) **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **João do Rio** / por Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GONÇALVES, Fernando. Comunicação, sociabilidade e ocupações poéticas da cidade. In.: CAIAFA, Janice (Org). **Comunicação e Sociabilidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- GUATTARI, Felix. Restauração da cidade subjetiva. In: _____. **Caosmose – um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suelly. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não hermenêutico ou a materialidade dos meios de comunicação. **Cadernos do Mestrado/Literatura**, UERJ, n. 5, 1993.

- _____. A farewell to interpretation. In: **Materialities of communication**. GUMBRECHT, Hans Ulrich; PFEIFFER, K. Ludwig (orgs.). California: Stanford University Press, 1994.
- _____. Cascatas de modernidade. In: _____. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p.9-31.
- _____. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- HANKE, Michael Manfred. Materialidade da Comunicação – Um conceito para a ciência da comunicação? In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 28. 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **A razão da história**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HUYSSSEN, Andréas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MALRAUX, André. **Esquisse d'une psychologie du cinéma**. Paris: Nouveau Monde, 2003.
- MATTA, Carmen da. Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. **Revista Rio de Janeiro**. Vol. 1, n. 10. mai/ago 2003. Ed. UERJ/LPP.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In.: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- MORAES FILHO, Evaristo. A natureza sociológica do conflito. In: _____. **SIMMEL**. São Paulo: Ática, 1983.
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, Margarida de Souza. Brasil, acertai vossos ponteiros. In: **Brasil, acertai vossos ponteiros**. Rio de Janeiro: Museu da Astronomia e Ciências Afins, 1991. p.53-65.
- _____. O povo na rua, um conto de duas cidades. In: PECHMAN, Robert Moses (org). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. Vol. 2. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RICOEUR, Paul. Mundo do texto e mundo do leitor. In: **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.
- _____. Renunciar a Hegel. In: _____. Campinas: Papyrus, 1997.
- RIO, João do. **As religiões no Rio**. Paris: Garnier, 1904.
- _____. **O momento literário**. Paris: Garnier, 1905.
- _____. **Cinematographo**: crônicas cariocas. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.
- _____. **Vida vertiginosa**. Paris: Garnier, 1911.
- _____. **A profissão de Jacques Pedreira**. Paris: Garnier, 1911.
- _____. **Os dias passam**. Porto: Lello & Irmão, 1912.
- _____. **Crônicas e frases de Godofredo de Alencar**. Lisboa: Bertrand, 1916.
- _____. **Pall-Mall Rio**: o inverno carioca de 1916. Rio de Janeiro: Villas Boas, 1917.
- _____. **A alma encantadora das ruas**: crônicas; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Marca d'Água, 1996.
- RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio**: catálogo bibliográfico. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- SANTOS, Alexandre. Da cidade como resposta à cidade como pergunta: a fotografia como dispositivo de representação/ apresentação do espaço urbano. In: SANTOS, Maria Ivone e SANTOS, A. (Org). **A fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

- SARLO, Beatriz. Tempo passado. In: **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Companhia das Letras/ UFMG, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: _____ (org). **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 35-94.
- _____. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: _____ (org). **História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOUZA, José Inácio de Melo. **Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema**. São Paulo: Senac, 2004.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papirus, 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VENTURA, Zuenir. Jornalismo e Literatura: alianças e diálogos. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.) **Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- _____. Cinema: revelação e engano. In.: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- WENDERS, Wim. A paisagem urbana. In: **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n° 23: Cidade, IPHAN, 1994.

Periódicos:

ASSIS, Machado. História de Quinze Dias. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1877.

JOE. Cinematographo. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1907-1910. Semanal.

RIO, João do. O melhor pistolão. **A Notícia**, Rio de Janeiro. 05 dez. 1907. 1º caderno, p.3.

_____. O 20:25. **A Notícia**, Rio de Janeiro. 12 dez. 1907. 1º caderno, p.3.

_____. A vocação nacional. **A Notícia**, Rio de Janeiro. 26 dez. 1907. 1º caderno, p.3.

_____. Bacharéis do passado: Bacharéis de agora. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 09 jan. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. A crítica nos bastidores. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. Chers confrères. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 20 fev. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. Máscaras de todo ano. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 27 fev. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. O último diálogo de Gnatho. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. A pressa de acabar. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 17 mai. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. Na exposição Latour. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 24 mai. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. A polícia de costumes. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 09 ago. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. Os snobs e a exposição. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. A carta de um delegado à Exposição. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 23 ago. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. Noturno policromo: A Exposição à noite. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1908. 1º caderno, p.3.

_____. As infelizes meninas da Exposição. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 27 set. 1908. 1º caderno, p.3.

- _____. Um caso comum. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 07 nov. 1908. 1º caderno, p.3.
- _____. A catedral do cinematógrafo. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1909. 1º caderno, p.3.
- _____. Os poetas do hospício. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1904. 1º caderno, p.1.
- _____. Princesas de Bizâncio: A princesa de sândalo. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1905. 1º caderno, p.1.
- _____. A casa dos milagres. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 jul. 1905. 1º caderno, p.2.
- _____. O bairro rubro. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 11 jun. 1906. 1º caderno, p.3.
- _____. Chuva de land-trotters: Os que viajam a pé pelos estados. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 jan. 1907. 1º caderno, p.1.
- _____. Briga de galos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 02 ago. 1907. 1º caderno, p.4.
- _____. O suplício dos inventores. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 01 jan. 1908. 1º caderno, p.5.
- _____. O velho mercado: Notícia sentida. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1908. 1º caderno, p.5.
- _____. Quando o brasileiro descobrirá o Brasil? **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 ago. 1908. 1º caderno, p.3.
- _____. O pavilhão anexo de Portugal na Exposição Nacional: O renascimento da arte portuguesa. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1908. 1º caderno, p.1.
- _____. Epitáfios. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 nov. 1908. 1º caderno, p.1.

Cinematographo

BOHEMIOS
 Não se pode, ao menos, dizer que os bohemios de hoje sejam os mesmos que os bohemios de ontem. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje.



CORNO DE 1908
 O CORNO DE 1908
 O CORNO DE 1908

TELA
 Não se pode, ao menos, dizer que os bohemios de hoje sejam os mesmos que os bohemios de ontem. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje.

RELAZAMENTO
 Não se pode, ao menos, dizer que os bohemios de hoje sejam os mesmos que os bohemios de ontem. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje.

O "Relampago"
 Não se pode, ao menos, dizer que os bohemios de hoje sejam os mesmos que os bohemios de ontem. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje.

O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje. O bohemio de hoje é um bohemio de amanhã, e o bohemio de amanhã é um bohemio de hoje.

Cinematographo

SEMANA

Acido Phosphorico usado em lentes...
O uso do Phosphorico em lentes...
O uso do Phosphorico em lentes...

—Dado, em Avila, o terceiro...
—Fim, de no portador...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

A Moda Nova



NO BOSQUE, PELA MANHA
Tudo passa e tudo muda lentamente...
Tudo passa e tudo muda lentamente...

—O uso do Phosphorico em lentes...

Deleitoso por que? As estereótipos...
Deleitoso por que? As estereótipos...
Deleitoso por que? As estereótipos...

AVULSO

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...
—O uso do Phosphorico em lentes...

Anexo B – Imagem reproduzida a partir do original da primeira publicação da coluna *Cinematographo*



Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1907
Ano XXXIII – 223

Anexo D – Imagem reproduzida a partir do original da coluna Cinematographo



Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1907
Ano XXXIII – N 237

3:0005000 POR 1\$300
 0005000 POR 1\$300
 0005000 POR 1\$300
 dirigidos ao Agente Geral ANTONIO
 HIA.

Patek Philippe & Co.
 O MELHOR RELOGIO DO MUNDO
 Vendido a prestações
 e com o pagamento da
 preço

Vendas Agentes no Brasil Inteiro
GONDOLO & LABOURIAU
 Relojeiros
 71 Rua da Quitanda, 71

IN ROUGE
 SEGRETO - Tournée Segun
 merique du Sud
 D, 24 DE AGOSTO HOJE
 a «troupe» de variedades e atrações
 s funções
ET GRANT
 inuação
 DO
 rnational de Luta Romana
ES INSCRIPTOS
 Ginev, Suíça.
 Ottlinger, alemão.
 Paul Pons, francês.
 Limousin, francês.

Missa «matinée» familiar
 distribuição de convites à primeira e a segunda
 grupos em grupo as crianças que assistem à
 missa ilustrada.
 da Catedral às 11 horas de tarde.
 Preços e horas do costume.
 José Bonny, barbaças bulgarias e transformação;
 sempre, todos os dias.

CARLOS GOMES
 (SÃO CARLOS)
 PASCHOAL SEGRETO
 as melhores de pochades e vaudivilles
 Palais Royal, Vaudiville
 de Paris
 D, 24 DE AGOSTO HOJE
 SERTANAL-SE-A
EL LIBERO SCAMBIO
 do Livre Cambio
 de São Paulo de G. PESTRIN
 BARRAS LAVINIA
NEVEAMENTE
 to, marido fortunat
 de G. KRAMPLT
 Preços e horas do costume.
 Companhia Cantabile, às 11 e 5 horas de tarde.
 de em linguagem livre capital, há trabalhos em
 linguagem de língua italiana.

TRIO APOLLO

de, de não terem visto o convito, da se ter
 notouado o jury sem o seu voto, zangar
 ram-se.

Em todas as classes ha dessas lutas e
 em todas as classes os regulamentos ser
 vem apenas para serem alterados — o que
 me parece fez a Escola tanto no seu 50º
 como no seu 43º artigo. Mas, se o 43º não
 fosse rígido, não haveria exposições, o
 que com tanto esforço consegue Bernar
 dellini, se o 50º não fosse esquecido, não
 haveria esta pequena vibração de arte.

Para sentir realmente o que os artistas
 nomeadores do jury esqueciam de in
 cluir entre os seus juizes aquillo que, de
 direito, é um grande mestre e uma gloria
 da pintura brasileira. Mas o autor de
 «Daphnes e Glóis» — o admiravel sonbador
 da «Parlida de Jacobs» — conhece bem este
 mundo.

Alfada outro dia, no jantar preparatorio
 da «Caravana», quando se discutia o nome
 do futuro centro artistico, elle pensou o
 seu taller:

— Um centro artistico, em que se reu
 nem todos os artistas aqui residentes...
 Mas, então, está achado: «Centro Harmo
 nia Fraternal».

E sorriu com bom humor. Porque é
 possível vir da precitadão quando, scilicet,
 victorioso, se consegue impor a sua arte
 como, ainda ha duas mezas, elle o fez no
 Salão dos Aquarellistas.

Terça

Cinco horas. Cavé. «Five-o'clock-tea».
 Interior branco e claro. Decorações de
 nuanças dessas cores, que parecem conges
 tidos do branco e desmãos do preto. O es
 tylo hesita entre o XVIII seculo e a sugges
 tião do «art-nouve-u». Espelhos. Sala
 pequena, portas envidraçadas. A «bolite
 Cavé» — já a chausou alguém. Cadeiras
 austríacas destoando daquella notinha
 de elegancia do «rentier» francês nas co
 lonias. Dous «garçons», um com o typo
 «classico e inconfundível do «garçon» ca
 doico, outro caminhando para a gordura,
 italiano de olhar nostalgico, onde seria
 possível ver mandolinistas se esse homeni
 zinho não fallasse com segurança um de
 lectavel francês.

— Um «thé»!

— Dois «thé»!

Comuand-m'elles. Uma senhora anada
 da, so fundo, vira-se — está preparando
 mais um «samovar» alimentador do es
 tranheirismo indigena.

A sala, de resto está cheia. Ha cavalhei
 ros mesmo que celem as mesas, ha gru
 pos de quatro e cinco que occupam com
 ancia as mesinhas do canto à espera de
 uma vaga nas do centro. Um mundinho
 em que se fundem todos os mundos de
 uma grande cidade, na carreira do exhibi
 cionismo. — mundo que se pôde conhecer
 lá fora pelos carros parados, porque ha um
 carro de ministro, um coupé de nobreza,
 um fiacre e uma dessas terridas tipotas
 da praça, só pela sua expressão — infan
 tante.

Dentro ha ondas de perfumes, gazes,
 attitudes, poses, «epitaphes»... Converse
 se de tudo luttalmente, ha exatamações
 que sempre em francês. Para muita
 gente a Cavé é uma especie de «firing-club»;
 para outros uma obrigatorioidade da ulti
 ma moda; para algunos o ponto do appa
 recimento fatal.

Vejo Clotia Polonio, «titolla des re
 tues», em palestra com uma senhora ma
 gica; vejo o general Glyceria a conversar
 com o muito amavel José Lobo, deputado
 por S. Paulo; noto uma familia illustre
 acada, a esposa do richeiro senador, mais
 longe, numa mesa do centro o Dr. Ro
 drigues Alves com o Dr. Cesaris Alving
 um «rastinho» mira das attengões, um mogo
 diplomata convencido de que é «fashion»;
 mais do outro lado uma familia ligeira,
 — mais a colorida de «craquettes», e mais
 as duas loidades que ceiraram a «estomacha
 diana» e a «divisa das almas». O agrand
 tamento, o «além-mundo», em mundo su
 aliano e o mundo dos «cous-la-vus» e



Familias sicilianas

Quarta

A Sociedade de Geographia preparou
 uma delicada festa para solemnizar o 80º
 anniversario do marquez de Paranáguá.
 Não podia haver festa mais tocante. O
 nobre velho é uma dessas nobres reliquias
 do passado regimen em que se fundiam
 qualidades do espirito e altas qualidades
 moraes. De quando conheço eu o mar
 quex? De criança, de moço alano. O
 illustre homem — já nesse tempo todo
 branco, sempre correcto na sua redigade
 preta — tinha sessenta e quatro primave
 ras! gustava de me ouvir fallar e leva
 va-me com gravidade balas de bructas.

Depois os annos passaram, veio a бурда
 dos republicanos de ultima hora, a vida
 galopou; só de raro em raro eu o via, e o
 cumprimentava com respeito e com a
 convicção de que não me reconciliara.

Ha tempo vi-o d'acert, bem disposto e
 ffo, o Museu Commercial, ondeempres

dramas de Victor Hugo pelo exre
 rhetorica, são irrepresentáveis. A
 Schiller que com tanta doxamencia
 genio de «Legenda dos Seculos» ad
 vibraram muito mais de acção e de
 Em compoasção, não ha um romã
 Victor Hugo que não dê «um dia
 tantes», e as vezes um dramalhão.

Coquelin dá-nos um repertorio
 distincto e interpretações tambem
 distintas. Enchenos como a da
 Dama de Paris é que não terá seu
 Lyrico. Nem quando se represent
 «Miserables» apañou a Berceló en
 igual.

Sabbado

Preparam as damas do novo ge
 mundo para 1º de setembro uma fest
 a de seu sangheta, sua Embunha a
 dual Arroyo de sumero, da tempo
 commissão com o fim de angariar a
 tivosa para a construcção da torre de

Naval Bar
 do Visconde Maranhão II
 (FILIAL DO NAVAL RETURN)
 cerveja, bolachas finas, comidas frias,
 especial: caixão de 10 litros de
 leite.
ABERTURA HOJE À TARDE
MARZENARIA
 de A. Martins, movéis do estilo e
 salicão de todas as comarcações.
 RUA DA ALFANDEGA N. 100

ACÇÃO
INCENDIO
 Os sobretiros, e noites, para solteiro
 vestidos, toucas e boncados, louças
 de louça, chapéus de colcha, lençóis,
 gravatas pretas, talheres, fôrca,
 eira presilha, vidros, selim, móbresas,
 e grande variedade por liquidação dos
 de rua do Baddock Lobos, 1 do Largo

SABÃO
 A VENDA EM TODOS OS ARMAZENS
CRYSTAL
 MARCA REGISTRADA

PERFUMARIA
INHO & C.
ospicio, 3 A
 gos para hoje
 iversos fabricantes a
 extracto, estylo mo-
 r 6\$000.
 flezas de côres, para
 a duzia, por 12\$000;
 só para HOJE

BAIRRO DO SAMPÁ DA ACCLAMAÇÃO
GARDEN PARTY
DOMINGO 1 de setembro DOMINGO
 do benedito do monumento
 a Virgem da Imma-
 culação. Comemoração
 honrada com a presença dos EFERNOS,
 presidente da República e prefeito
 municipal.
 Domingo, 1 de setembro, das 9 às 6 hor-
 as da tarde.
 Orquestra e infantil composta de 20 crian-
 ças, meninas e meninos das mais distintas
 famílias de nossa sociedade. Ingresso, Vi-

70 RUA DO OUVIDOR 70

GAZETA

NUMERO AVULSO 100 RS.
 Os artigos enviados à redacção não serão restituídos ainda que não
 sejam publicados

Stereotypada e impressa
 na typographia

Cinematographo

Segunda

Os jornais da manhã escrevem que hou-
 ve ontem um domingo vermelho.
 Domingo vermelho é um título bonito
 para toda a cidade a sua applicação parece
 excessiva. Então, porque queimaram al-
 guns cascos e reciprocamente se mataram
 alguns indivíduos, domingo vermelho é
 a não? O domingo devia ter sido de to-
 das as côres do espectro e, para alguns,
 nem a negação da cor.

Para o Sr. general Aguiar, por exemplo,
 devia ter sido preto. O homem que fez o
 palácio Monroe — oh! sim, já se sabe! —
 teve um sabido lio cheio de accusações,
 que o seu domingo só podia ser preto. O
 «Correio da Manhã» accentuava num ri-
 goroso artigo a expoliação dos proprietá-
 rios, a «dizenda» mostrava ao mundo a
 «Enciclopedia do Progresso», e, à tarde, «Noti-
 cias publicava uma carta desse homem
 extraordinario — o Dr. Pereira Passos, que
 era o mais formidavel condemnado ás
 torturas da Light.

Que sabido, hein? Com um sabido
 assim, é possível ter um domingo menos
 que preto?

Mas se o illustre homem que fez o pa-
 lácio Monroe (mas não a toda a gente) já
 sabe li devia ter nos dez mezes de medi-
 tação do seu governo esse domingo de ne-
 gro aspecto, convenhamos que outros o
 tiveram azul, verde, amarelo.

Arthur Napoleão, por exemplo. Oh!
 esse teve-o lido de rosas e de pedacos de
 céu. Uma cidade inteira, noiva sempre
 entusiasta, saudou o jubileu das suas
 nupcias com o extraordinario artista numa
 festa que foi a sua sagração em vida. Ar-
 thur Napoleão não podia deixar de honrar
 esse domingo e archar-lhe as mais leves
 côres.

Oh! é um erro o qualificativo para os
 dias. Os dias são como os homens: bons
 e máos ao mesmo tempo...

Terça

No Associação Ch lêti dos Moços o meu
 melhor amigo faz uma conferencia sobre o
 jornalismo, e já para o fim vejo-o contar a
 miseria de nós outros para uma plateia de
 mais de oitocentas pessoas.

«Abri o veludo da miseria espantosa dos
 que são vistos em toda a parte e julga-
 dos letizes pelo mundo. Documentemol-a,
 como fez Paulo Pottier com a imprensa de
 Paris, que está exactamente como a
 nossa.

O jornal é hoje uma empresa commer-
 cial em toda a parte do mundo. Ha em-
 prezas que pagam bem e outras que pa-
 gam mal. As latinas pagam mal. Deixa-
 mos de pertencermos proprietarios. Esses arti-
 stas captaes e responsabilidades equi-
 valem para que tem muitos jornales e não
 tem 500.000 leitores ao todo. Fallemos
 da que faz o jornal para os que não são
 em a mesma complicitade.

Quando ganha um secretario do jornal
 no Rio, para estar todo o dia, do meio-dia
 à noite, no jornal, temdor-se de
 nada, adormecer todo, ter tudo? O que ga-
 nha mais tem 1:500\$. Ha de 800\$ e até
 de 500\$. A tabella é mesmo 600\$000.

Um redactor de banca, genero que vai
 l'apparecenda e já não existe as «di-
 tadas», o jornal moleto por excedencia,
 tem 250, 300\$, e 200\$000.

O maximo é 400\$, quando substitui o
 secretario. Não ha redactores artisticos.
 Já houve litterarios. Ainda restam os cha-
 mados «libertares».

Mas esses não de desaparecer, para dar
 lugar a mais e mais da emore-

O GRANDE IN



Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1907
 Ano XXXIII – N 251

